

**EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS CIRCENSES: elementos para discutir o direito à educação de sujeitos artistas nômades**

**EDUCATION OF CIRCUSIAN CHILDREN: elements to discuss the right to educate subject artists**

**EDUCACIÓN DE LOS NIÑOS DEL CIRCO: elementos para discutir el derecho a la educación de los sujetos artistas nómadas**

 Francisco André Silva Martins<sup>1</sup>

 Adrielle Caroline Santos Felisberto<sup>2</sup>

 Maryana Fortes Ferreira Teixeira<sup>3</sup>

1. Professor de História da Rede Municipal de Belo Horizonte. Professor adjunto VI da Faculdade de Educação, Universidade do Estado de Minas Gerais. Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: francisco.martins@uemg.br.
2. Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Trabalha na área da educação na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.
3. Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Pós-graduada em Alfabetização e Letramento pela PUC-Minas. Trabalha na área da educação na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

**RESUMO:** Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa desenvolvida no âmbito de uma Faculdade de Educação, curso de Pedagogia, em uma universidade na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. A busca foi por analisar e compreender, por meio das memórias relatadas pelos sujeitos circenses que vivenciaram o processo de escolarização nas décadas de 1980/1990, os obstáculos encontrados em relação ao direito à educação e a sua permanência na escola, uma vez que esses artistas vivenciaram esse processo em situação de itinerância. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, na qual a coleta de dados se deu por meio de escrituras e de entrevista semiestruturada. Entrevistamos seis sujeitos, homens e mulheres, de idades variadas, o que nos possibilitou refletir sobre o acesso à educação e a permanência de crianças circenses na escola nas décadas de 1980/1990.

**Palavras-chave:** Circo. Crianças circenses. Direito à Educação.

**ABSTRACT:** This work presents the results of a research developed in the scope of a Faculty of Education, Pedagogy course, in a university in the city of Belo Horizonte, Minas Gerais. The search was to analyze and understand, through the memories reported by the circus subjects who experienced the schooling process in the 1980s / 1990s, the obstacles found in relation to the right to education and their permanence in school, since these artists experienced this process in a roaming situation. It is a qualitative research, in which data collection took place through registries and semi-structured interviews. We interviewed six subjects, men and women, of varying ages, which enabled us to reflect on the access to education and the permanence of circus children in school in the 1980s / 1990s.

**Keywords:** Circus. Circusian children. Right to education.

**RESUMEN:** Este artículo presenta los resultados de una investigación realizada en la Facultad de Educación, curso de Pedagogía, en una universidad de la ciudad de Belo Horizonte, Minas Gerais. La búsqueda fue analizar y comprender, a través de las memorias relatadas por sujetos circenses que vivieron el proceso de escolarización en las décadas de 1980/1990, los obstáculos encontrados en relación al derecho a la educación y su permanencia en la escuela, ya que estos artistas vivieron ese proceso de una manera situación itinerante. Se trata de una investigación cualitativa, en la que la recolección de datos se realizó a través de entrevistas semiestructuradas y por escrito. Entrevistamos a seis sujetos, hombres y mujeres, de diferentes edades, lo que permitió reflexionar sobre el acceso a la educación y la permanencia de los niños circenses en la escuela en las décadas de los 80 y 90.

**Palabras-clave:** Circo. Niños de circo. Derecho a la educación.

Recebido em: 13/02/2023

Aprovado em: 14/04/2023



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

## Considerações Iniciais

O presente artigo tem como proposta apresentar os resultados de uma pesquisa desenvolvida no âmbito de uma Faculdade de Educação, curso de Pedagogia, na Universidade do Estado de Minas Gerais, na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Trata-se de um trabalho com o foco na trajetória vivida por crianças circenses e nas suas experiências escolares mediante a singularidade da vida nômade vivida no circo, que implica em uma mudança cotidiana, de cidade para outra, conseqüentemente, a transferência de uma escola para outra, troca de colegas, de professores, de vida. Algumas questões se apresentaram para a reflexão: Essas crianças frequentavam a escola regularmente? De acordo com a mudança do circo elas também mudavam de escola? Como essas crianças lidavam com o dia a dia nas escolas? Como elas acompanhavam as sequências didáticas? Os conteúdos variavam de escola para escola? Como era a relação dos professores com esses sujeitos singulares?

Em relação aos caminhos metodológicos, podemos dizer que trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo e que se aprofundou na realidade e nas experiências dos sujeitos por meio do uso de escritivências e de entrevistas semiestruturadas. Em se tratando das escritivências, pautamos nas contribuições de Conceição Evaristo (2006, 2007, 2016) que pode ser considerada a pesquisadora que sistematizou o modo como utilizar tal recurso como ferramenta de pesquisa. Tal recurso tem como foco a potencializar e dar maior visibilidade às narrativas dos sujeitos pesquisados. Por meio de escritas, que podem ser entendidas como cartas produzidas pelos sujeitos de pesquisa, as experiências são rememoradas, retratando sua trajetória e refletindo sobre sua experiência. Os sujeitos falando de si com maior autonomia e liberdade, trazendo o que ao seu ver é o que de fato importa. O que auxilia muito na elaboração dos roteiros de entrevista e nos ganchos para aprofundamento de relatos e situações específicas que sejam de interesse da pesquisa. Já as entrevistas semiestruturadas, ao servirem como elemento de aprofundamento das questões que emergiram nas cartas, potencializou a elucidações de problemas sobre os quais de pesquisa se debruçava.

Foram retomadas as trajetórias de vida de 6 (seis) sujeitos circenses, 2 (dois) homens e 4 (quatro) mulheres, bem como sua relação com a escola. No processo de desenvolvimento do trabalho foram seguidos rigidamente os procedimentos éticos estabelecidos para pesquisas de cunho qualitativo, os nomes utilizados são fictícios para garantir o anonimato dos sujeitos pesquisados e os TCLE's (Termos de Consentimento Livre e Esclarecido) foram devidamente assinados e arquivados pelos pesquisadores responsáveis estando à disposição de quem interessar possa.

Em se tratando das questões de demarcação temporal vivenciadas pelos sujeitos da pesquisa, a opção foi por estudar as experiências de sujeitos circenses que ainda estão inseridos no circo atualmente, mas que

tenham vivido o processo de formação escolar nas décadas de 1980 e 1990, em concomitância com a atuação no picadeiro. Supondo que os referidos indivíduos teriam entre 30-40 anos no período atual, optamos por acessar a memória desses sujeitos, reconhecendo-a como um instrumento de pesquisa capaz de entrelaçar momentos vivenciados de maneira situada a um determinado tempo-espaço, período estudantil e sua inserção na instituição escolar.

A rotatividade das cidades, por onde os circos passaram, apresentou-se inicialmente como um fator dificultador para a escolha dos sujeitos que participariam da pesquisa. Várias foram as vezes em que íamos aos locais em que os circos estavam fixados e não mais os encontrávamos. Alguns não ficavam sequer uma única semana fixos em um determinado lugar e quando chegávamos já tinham se mudado, sem deixar qualquer pista sobre a próxima cidade a se apresentarem. Percebemos que acompanhar os circos, ou mesmo um único circo, não seria uma tarefa possível. Poderia implicar em transitar por distâncias consideráveis, sem financiamento para transporte e estadia e das quais não teríamos qualquer controle.

Outrossim, tivemos a ocorrência no ano de 2020 da pandemia de COVID-19, que colocou o país em uma condição ímpar de isolamento e de morte de quase 700 mil pessoas. O que a princípio poderia ser mais um dificultador acabou se tornando um facilitador para o desenvolvimento do trabalho, pois tornou o acesso e os contatos com os sujeitos mais dinâmico por meio das redes sociais. Nesse mesmo caminho, a execução das entrevistas também pôde ser feita por meio da internet. O uso de vídeo chamadas teve também o intuito de resguardar a integridade física e a saúde dos sujeitos da pesquisa e das pesquisadoras. Todavia, é importante mencionar que o isolamento social desencadeado nos parece ter sido um fator que contribuiu positivamente para os resultados da pesquisa, uma vez que, com os circos compulsoriamente parados em suas atividades, os sujeitos tiveram maior disponibilidade para contribuir com a pesquisa.

Os sujeitos participantes desta pesquisa foram seis artistas circenses de diferentes circos e regiões do Brasil, que socializaram conosco como foram suas experiências ao viver o processo de escolarização concomitante com a vida circense. A seleção dos sujeitos baseou-se no interesse e disponibilidade dos mesmos mediante a apresentação da propostas de pesquisa. Esses foram encontrados por meio de contatos feitos por meio de redes sociais como Instagram e Facebook.

### **Circo: entre magias, malabares e contorcionismos**

O circo é uma manifestação secular que pode ser considerada uma das mais antigas atividades artísticas do mundo, porém não se sabe ao certo a origem dos espetáculos, apesar de haver algumas hipóteses. Segundo Almeida (2016, p.13), “o circo ao longo da história foi composto por formatos diferenciados de existência, pois a sua trajetória vai se moldando ao tempo e contexto no qual ele está

inserido”. Segundo Soares (1998) a arte do entretenimento, que inclui o circo em suas manifestações, acompanha a sociedade desde os primórdios da humanidade, passando pela vida de diversos e diferentes povos, sendo o circo constituído como uma forma de encantamento e fuga do mundo real. Conforme nos apresentam Coelho e Minatel (2011), na origem do circo são encontrados registros que dizem de atividades artísticas usadas em cerimoniais sagrados, antes mesmo dele se manifestar na modalidade de circo como conhecemos hoje.

Foi na Europa que o circo ganhou força e teve seu desenvolvimento. Segundo Castro (1997), no império Romano, os espetáculos tomaram impulso, pois havia apresentação de habilidades em seus anfiteatros.

O circo ganhou força na Europa, com espetáculos grandiosos, como por exemplo, o Circo Máximo de Roma. Este foi destruído em um incêndio e, em seu lugar, foi construído o Coliseu. Porém entre 54 e 68 d.C., os espetáculos se tornaram mais sangrentos afastando-se do interesse pela arte (COELHO; MINATEL, 2011, p. 207).

Segundo Almeida (2016), o formato de circo em Roma teve grande relevância no cenário político-social, onde era oferecido para a plebe divertimento gratuito para que houvesse o esquecimento das demandas para a vida em sociedade.

“Pão e circo para o povo!” era o lema dos imperadores romanos, que alimentavam e divertiam o povo para controlá-los facilmente. Depois foi construído o imponente Coliseu, onde eram apresentados grandes espetáculos, com animais exóticos, guerreiros estrangeiros, engolidores de fogo e gladiadores, entre outros. Porém esses espetáculos foram sendo substituídos por lutas sangrentas e cruéis, com homens lutando até a morte e pessoas atiradas para os animais ferozes devorarem. Entre essas pessoas estavam os primeiros cristãos, que não eram bem vistos pelos imperadores romanos (BHAKTA, 2011, p. 8).

Em seguida, na Idade Média, com a decadência do Império Romano, os artistas passaram a se apresentar nas praças públicas, nos castros das igrejas, castelos e, sobretudo, nas feiras.

Para chamar a atenção no meio da balbúrdia, armava-se um pequeno tablado – tipo um banco – e, em cima dele, eram realizados espetáculos. Vem daí o termo saltimbanco, saltare in banco. É a mesma origem de banqueiro também, pois era em cima de bancos que os cambistas trocavam moedas, avalizavam empréstimos e vendiam promissórias (CASTRO, 2005. p. 38).

Na Inglaterra, no final do século XVIII, surge o modelo de circo “moderno”, fundado pelo suboficial inglês Philip Astley, que construiu um picadeiro de 13 metros de diâmetro.

Philip Astley era suboficial da Cavalaria Inglesa e construiu um edifício permanente em Londres, chamado “Anfiteatro Astley”. Apresentando acrobacias em cavalos, Astley percebeu que seria mais fácil ficar em pé no dorso do cavalo se andasse em um círculo, por efeito centrífugo; então construiu um picadeiro redondo com uma espécie de arquibancada ao seu redor (COELHO; MINATEL, 2011, p. 207).

No Brasil, saltimbancos e famílias ciganas vieram da Europa, antes mesmo da chegada do circo.

A arte circense é ensinada entre gerações, e as famílias circenses se espalham pelo mundo. No Brasil chegam no final do século XVIII, pouco antes dos ciclos do café e da borracha. Os ciganos que vieram da Europa para o Brasil, de uma forma modesta e com poucos recursos, também apresentavam maravilhosos espetáculos com cavalos, ursos, ilusionismo, etc., viajando de cidade em cidade (BHAJTA, 2011, p. 12).

Os circos de antigamente costumavam ser de uma só família, tinham no máximo três artistas contratados de fora e as famílias tinham o seu circo e sua dupla de palhaços. Atualmente são poucos os circos que continuam familiares, a mudança de valores fez os circenses colocarem seus filhos na escola e assim chegarem à universidade (OLIVEIRA, 2013). Segundo Almeida (2016), a mais recente formação de composição circense é o “circo contemporâneo”, onde os artistas não são apenas pertencentes às famílias tradicionais circenses.

O elenco é composto por múltiplos atores das mais diversas áreas como ginastas, acrobatas, atores, bailarinos, instrumentistas, atletas e compositores. Ampliou-se os espaços para os novos artistas que passaram a circular nos eventos culturais, apresentações informais e instituições educacionais. Uniu-se o circo e as demais artes presentes na sociedade como a dança, a música e as artes visuais, além da aproximação com as ciências humanas ligadas ao desenvolvimento corporal e intelectual do homem (ALMEIDA, 2016, 16).

Mesmo com as transformações ao longo do tempo, o circo continua encantando multidões por onde passa. O circo é um espetáculo cultural que atravessou décadas e que está sempre se reinventando para posicionar sua arte nos diferentes contextos da sociedade. Diante da singularidade aqui apresentada, ressaltamos que é nesse mundo de magia, exercícios físicos, adestramento de animais, dentre tantas outras coisas, que nossos sujeitos de pesquisa estavam inseridos, ainda crianças, em idade escolar, e tendo que se dividir, muitas vezes, entre as tarefas da escola e as suas responsabilidades junto ao coletivo do circo.

Os sujeitos da pesquisa se socializaram nos lugares em que passavam, em cada lugar, diverso, ímpar, singular, se estabelece uma relação perene com o que está ao redor. A relação neste território pode desencadear diversas mudanças no espetáculo, fundindo a identidade dos sujeitos do circo com a do local em que se apresenta tal espetáculo, e tudo isso constitui-se em potencialidades formativas e educativas.

A passagem rápida por uma cidade, a experiência que se tem naquele território e a intensidade do contato com a população pode transformar o que para os leigos pode ser apenas um pedaço de terra, em um

lugar, cheio de significados na vida dos envolvidos, pois ali onde o circo permaneceu por alguns dias pode acontecer alguma intervenção em relação direta com o espaço. Algo estéril, inerte, sem vida, como um lote abandonado da cidade, pode se transformar em um espaço de lazer capaz de trazer para aqueles artistas experiências tanto com o público quanto com o espaço físico onde estiveram. Ao olhar desprezioso, pode parecer algo, por vezes, banal. Um circo em um lote vago. Contudo, para as pessoas que vivem essa realidade, que sobrevivem desse fazer, trata-se de algo marcado pela riqueza de perenizar um legado, uma tradição. Uma condição de existência.

### Circo e Nomadismo

Quando um circo chega a alguma cidade é sempre um grande evento. Os circenses montam sua tenda, divulgam seu espetáculo e, por algumas semanas, o circo passa a fazer parte da programação de lazer do lugar em que estão hospedados, mas uma das principais causas que gera toda a magia do circo é que da mesma maneira inesperada com que o circo chega, em poucos dias ele vai embora, levando consigo todo aquele espetáculo.

A grande maioria dos artistas de circo leva uma vida de viajantes, de acordo com os sujeitos pesquisados. Passando de cidade em cidade essas pessoas se adaptaram a viver de uma maneira que não fixam raízes em um único local. Enquanto vivemos em uma sociedade planejada para aqueles que fixam raízes, aqueles que optaram por viver sempre em movimento, têm que se adaptar ao padrão em que vive a maioria. Ao falarmos sobre a vida escolar daqueles que passaram sua infância acompanhando uma tenda de circo é necessário falar sobre este estilo de vida.

Uma palavra nos foi útil para melhor entender e caracterizar esse modo de viver: nomadismo. Segundo Hillesheim e Cruz (2011) essa é “uma palavra que tem sua origem do latim – nomas -, estando associada a um povo errante pastoral. O termo foi emprestado do grego - nomás -, significando errante, aquele que vaga em busca de novas pastagens para o rebanho” (p. 82).

Deleuze e Guattari (1997) são dois autores que utilizam o conceito de nômades para problematizar outras questões. Eles dizem que “os nômades seguem trajetos costumeiros que vão de um ponto a outro. Porém, embora os pontos determinem os trajetos, um trajeto está sempre entre dois pontos, sendo que o ponto semente existe com alternância.” (p.51). Assim eles passam de um ponto a outro, e por onde vão deixam um pouco de suas marcas. Segundo os autores, os nômades têm os pontos apenas como uma alteração do trajeto, diferente dos imigrantes, que vão de um ponto a outro com a intenção de se fixarem. Ao autores separam a diferença entre os espaços em estriado, que define os locais marcados por muros,

caminhos, e fronteiras predeterminadas, são esses os espaços sedentários. Já o espaço liso é nômade, caracterizando-se somente por traços que se apagam ainda no trajeto.

O presente trabalho procura entender como os indivíduos que levavam esse estilo de vida conseguiram usufruir de seu direito a educação, considerando que o modelo de escola que vivenciamos oferece uma escola fixa, com muros e fronteiras, que exige dos alunos uma frequência e um resultado para que possam ser aprovados. Apesar da existência de leis que garantem que esses alunos circenses ingressem nas escolas, independente do período de matrícula, eles ainda precisam se adaptar aos conteúdos e manter os resultados mesmo que frequentem esse espaço por pouco tempo.

As imagens sociais construídas em torno dos sujeitos circenses nos dizem de preconceitos historicamente perenizados e que ainda hoje se manifestam de maneira explícita, de acordo com os sujeitos pesquisados que disseram ter sentido isso na pele. Muitas das vezes os artistas circenses são julgados como exóticos, estranhos, ameaçadores, desconhecidos. Quem nunca ouviu essa frase? “E o palhaço o que é? É ladrão de mulher!”. Expressões que deixam cicatrizes por onde passam. Esses sujeitos, além precisarem se adaptar a algumas exigências da vida sedentária, já que são julgados mediante ao parâmetro daqueles que fixam suas raízes, enfrentam diariamente a intolerância e o desconhecimento de outros. Dessa maneira, uso do conceito de nomadismo teve como intuito orientar nosso olhar, aprimorar o lidar com as especificidades, para que pudéssemos, assim como os nômades, buscar sempre novas paisagens, novas ideias, descobertas e aprendizados.

### **Educação: entre o informal, o não formal e o formal**

Tratar dos vários aspectos que envolvem a educação de crianças circenses remete a um olhar capaz de perceber aos diferentes formatos do processo educacional nos quais estão envolvidas as crianças. Uma dessas formas é a educação informal. Neste tipo de educação o ensino ocorre ao longo da vida da pessoa, através da socialização, seja esta feita através das relações familiares ou com outros tipos de grupos sociais. Este formato educacional carrega cultura e valores próprios, desenvolvendo atitudes e hábitos em um processo permanente e contínuo. Segundo Bruno (2014. p.14), “a educação informal é um processo permanente e não organizado: os conhecimentos não são sistematizados, são transmitidos a partir da prática e da experiência anteriores, e atua no campo das emoções e sentimentos.”

Na educação informal, não são delimitados espaços para disseminação do saber. Ela ocorre fora de estabelecimentos de ensino e sem um planejamento. De acordo com Almeida (2016), os pais, mães e responsáveis seriam os “primeiros professores” neste formato educacional. Dessa maneira, percebe-se que nenhum indivíduo é totalmente apedeuto. Ou seja, todo ser passa por um processo educacional.

Para além da educação informal, temos também a educação não formal. Esta, por sua vez, é proporcionada em espaços coletivos a partir da troca de experiências.

Educação não formal constitui a educação fora dos espaços escolares, e tem por finalidade desenvolver o ensino aprendizagem de forma pouco explorada pela educação formal. Considerada uma modalidade de ensino, se desenvolve nos espaços não convencionais de educação. É considerada por alguns autores como intencional, pois sofre as mesmas influências do mundo contemporâneo que as demais formas de educação, mas pouco assistida pelo ato pedagógico (ALMEIDA, 2016, p. 4).

A educação não formal pode ser complementar ao ensino ministrado nas escolas. Ela é organizada, porém, na maioria das vezes, o desenvolvimento da aprendizagem dos sujeitos que participam não é avaliado. É possível encontrar este formato educacional em igrejas, associações de bairro, sindicatos, organizações de movimentos sociais, bibliotecas, museus, dentre outros espaços. Ele pode ter o objetivo de resgatar valores, profissionalizar, atuar como reforço escolar, etc., e ocorre em quaisquer atividades realizadas fora do ambiente escolar, que busquem educar o indivíduo para a cidadania.

Na educação não formal a finalidade consiste em abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos, bem como das relações sociais que este estabelece. Neste sentido capacita-os para se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Aqui os objetivos não são dados previamente, constroem-se na interação, gerando um processo educativo, voltado para e a partir dos interesses e necessidades de quem participa (BRUNO, 2014, p. 13).

Dessa maneira, este processo educativo busca o desenvolvimento pessoal de quem participa e procura formar sujeitos críticos que possam promover transformações na sociedade. A educação não formal não possui uma forma específica de atuação e ocorre de acordo com os seus objetivos próprios e com o contexto da população que a frequenta.

A educação não-formal designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica etc (GOHN, 2006, p. 31).

A educação não formal, portanto, trata-se de um formato de educação flexível que visa o desenvolvimento social, a participação coletiva e o desenvolvimento de cidadãos críticos e responsáveis. Já o terceiro modelo de educação, a educação formal, é para Camargo e Nunes (2019), Catarino, Queiroz e

Lima (2017) toda aquela que ocorre em espaços oficiais, como escolas, colégios e universidades, capazes de produzir conhecimento e trabalhá-los em seguida. Ela vai buscar o desenvolvimento pessoal do aluno, trabalhando com ele diferentes conteúdos, dentro de diferentes matérias, para que ele seja capaz de se desenvolver em diversas áreas de conhecimento. Dentro da escola, o aluno terá que lidar com espaços limitados, objetivos a serem alcançados, cronogramas e planejamentos determinados por aqueles que estão acima dele. Na maior parte das vezes, o conteúdo é transmitido ao aluno dentro da sala de aula, e por professores formados naquela área de conhecimento, sendo capazes de administrar e desenvolver a temática de maneira satisfatória.

No processo da educação formal, existem alguns objetivos para alcançar o que se considera como sendo um resultado exitoso no processo educativo. Dentre eles, que haja um pleno desenvolvimento da aprendizagem de conteúdos historicamente sistematizados e normalizados pela lei, destacar e formar um indivíduo capaz de ser um cidadão ativo na sociedade, capaz de desenvolver habilidades e competências variadas, desenvolver a criatividade, a percepção, a lógica, o senso crítico, contribuir no desenvolvimento da personalidade, na formação cultural e ajudar o aluno a encontrar sua vocação profissional. Nesse processo educativo, existe um período de tempo mínimo, onde o aluno precisa se manter matriculado e frequente na escola, para que possa se formar e conseguir um diploma. A formação nesse modelo de ensino é organizada de modo a separar por fases e ciclos os níveis de ensino.

A educação formal tem um papel importante na vida do aluno, seja para proporcionar conhecimento teórico ou moral ou contribuir para a formação do sujeito como um todo e esse é um aspecto que ao nosso olhar serve de aproximação também com as experiências de educação não formal. Além disso, a educação formal tem o dever de se adaptar, para garantir o acesso à escola, a toda a diversidade possível de sujeitos, respeitando que cada um tem seu tempo para desenvolver as atividades, de acordo com sua necessidade, seja ela física intelectual ou mental.

Levando-se em consideração esses aspectos, resta refletir sobre a vida cotidiana desses indivíduos que vivem nesta condição de nômades, sabendo que esse tipo de vida traz consigo algumas dificuldades e preconceitos. Essa sua constante mudança entre regiões e conseqüentemente de escolas pode tornar-se um desafio para eles pela dificuldade de criar raízes, estabelecer laços, pela ausência de pares que sejam efetivamente partícipes de sua formação ao dar seqüência na sua formação e no acesso aos conteúdos escolares. Assim, no intuito de refletir e esclarecer esses fatos, serão realizadas entrevistas com esses indivíduos circenses, com o objetivo de trazer sua perspectiva em relação ao viver circense concomitante com o processo escolar.

## O Circo: uma grande família

O circo traz consigo uma dimensão de obra “inacabada”, que está sempre por se fazer, que conta, para além dos atores, palhaços, malabaristas e trapezistas. O próprio público também influencia fortemente no êxito do espetáculo. Talvez por isso, os sujeitos que vivem no circo compartilham uma identidade em comum: o ser circense, um ser em movimento, um ser que representa a manifestação de uma arte viva em seu sentido literal.

Para Vogt e Lourenço (2015), enquanto sujeitos sociais, estamos imersos em um ambiente que possibilita a constituição da nossa identidade, que se torna fruto de um processo de socialização. Em se tratando dos sujeitos circenses abre-se a possibilidade de formação de uma identidade potente no que tange as infinitas experiências vividas, a cada dia, a cada cidade, a cada viagem. Esses sujeitos trazem na pele a defesa dessa arte de maneira visceral e apaixonada, o que pode ser percebido claramente nos relatos das entrevistas dos sujeitos participantes da pesquisa.

A identidade circense é presente e se revela no discurso dos entrevistados. Todos os sujeitos entrevistados iniciaram sua história no circo logo após o nascimento, tendo o sentimento de pertencimento a esta cultura fortemente presente em suas falas. São sujeitos que, em sua maioria, iniciaram suas atuações no picadeiro na primeira infância, fazendo pequenas participações, entrando junto com os pais, avós, mas já construindo desde cedo seu lugar naquela manifestação cultural que se pereniza no decorrer do tempo. Conforme nos diz Francisco<sup>1</sup> “[...] Eu pude escolher outra profissão. Mas eu sou completamente apaixonado pelo circo. [...]”. Alice reforça esses elementos, ao dizer que “Quando você é de circo você não tem outra saída, você nasce aqui, você vive aqui, você aprende a gostar disso. [...]”. Tal relato nos permite dizer da existência de um outro tipo de aprendizado, mas que pela sua complexidade também envolve sistematização intencional, com objetivos bem definidos, de preparar futuros artistas. Os aprendizados circenses, pela sua constituição, se diferem dos das escolares, mas que se mostram tão importantes quanto, como componente identitário desses sujeitos.

As entrevistas nos apontaram que a identidade e o pertencimento circense é uma construção que, apesar de parecer natural, é construída de maneira cuidadosa, passando de pequenas tarefas a tarefas mais complexas, a ponto de nas idades mais avançadas desenvolverem números com relativo risco. Um processo gradual de aprimoramento e aprendizagem do modo de se fazer e do como se fazer. O universo circense compreende um modo de vida nômade e comunitário, onde as pessoas nele inserido trabalham, sobrevivem

---

<sup>1</sup> Os nomes utilizados no trabalho são fictícios mantendo o compromisso ético firmado com os sujeitos de pesquisa por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participação na pesquisa. As falas foram transcritas da forma como foram ditas, com o intuito de preservar a originalidade da intenção e da emoção dos sujeitos ao darem seus depoimentos.

de uma arte em comum, onde na maioria das vezes, os ensinamentos, aprendizados, são passados entre gerações.

As crianças sempre às vistas de todos, são educadas para saberem desde cedo todas as técnicas para a armação da lona. Desde a escolha do terreno até a segurança dos aparelhos. Passam também por um processo de educação corporal de observação e repetição influenciado pelos pais, tios, irmãs, irmãos, cunhados artistas. Com o tempo cada um descobre sua habilidade e se direciona para uma determinada área de atuação. A partir daí inicia-se o trabalho de criação de número para integrar o espetáculo. Mas mesmo antes de integrarem uma cena com seus números, as crianças são envolvidas em alguma parte da produção do espetáculo para que desde cedo interajam com esse ambiente de criação artística com o objetivo de preparar-se para a chegada do momento de subir ao palco para fazer a própria apresentação.

É notável que, quando criança, os circenses não tinham sua atuação no picadeiro como uma obrigação, como algo sistemático, com treinamento todos os dias e com um tempo determinado para se tornar apta. Faziam de acordo com sua disposição. “[...] eu não fazia nada, era só assistente de mágico, só que eu já treinava para malabares que sempre foi o que eu quis. Ninguém me ensinou. Eu que quis. [...]” (Andréa). Esse aspecto da autonomia dos sujeitos é um importante elemento a ser abordado, pois, via de regra, há a construção de um imaginário social que poderia nos levar a pensar que a atuação no circo poderia ser algo prejudicial na escola, no entanto não foi o que percebemos em nossa pesquisa.

Silvia e Abreu (2009) dissertam sobre a itinerância histórica do circo, que é estruturado com base na família, onde as relações familiares compõem o núcleo organizacional dos circos. Nas entrevistas foi possível perceber a importância da relação familiar para esses sujeitos e como a família, seja ela de sangue ou não, valoriza a educação na esperança de uma vida melhor, mesmo que seja para melhor condução do circo. Mais uma vez os dados da pesquisa vem refutar imagens e estereótipos como o de considerar que, por serem de circo, essas famílias poderiam não construir significados tão singulares em relação a escola e sua importância como espaço formativo, porém o que encontramos nos apresenta exatamente o contrário. “[...] Quando você é de circo, e chega no circo com diploma, toda a classe circense fica orgulhosa por você, porque quem é de circo sabe que é difícil estudar, né? [...]” (Francisco). Todavia, o relato do pesquisado reforça a hierarquização social em relação aos processos formativos e educativos.

É presente nos discursos dos sujeitos entrevistados, a preocupação da família em mantê-los na escola e oferecer os recursos necessários para que, apesar das dificuldades encontradas na trajetória, eles conseguissem um ensino completo e de qualidade.

Então como a gente tinha dificuldade a gente fazia aula particular. Eu tenho primos que tinham magistério então eles davam aulas particulares para a gente, aqui no circo a gente também tem um reforço para a gente dar conta de pegar essa continuidade das matérias se não a gente ia ficar bem perdido. (Alice)

[...] os nossos pais, meus pais, os pais das minhas primas sempre deram muito valor a escola [...]. O estudo lá em casa, sempre esteve em primeiro lugar [...] a gente ia fazer aula particular, ia pra casa de amiguinhos, pra poder aprender. (Rosa).

Segundo Andréa, no fim do bimestre, quando necessário, o circo ia embora e ela permanecia na cidade em que estava locada juntamente com sua mãe, em uma pousada, para que assim pudesse finalizar as provas. O que pode parecer algo simples, nos mostra um investimento, não só pecuniário, mas de tempo. Segundo Francisco, o seu avô sempre dizia: “não adianta saber dar um salto mortal perfeito e nem saber conversar direito”. Esta frase nos demonstra o quanto a educação é valorizada pelos circenses.

Na comunidade circense, a família é vista de forma ampla, que independe do sangue. A relação entre eles gera ensinamentos a todo instante, sejam eles artísticos ou sobre a vida. Além disso, a ânsia em ver um de seus iguais com um diploma faz com que eles valorizem a educação cada dia mais. Apesar das dificuldades encontradas pela comunidade circense, enquanto comunidade itinerante percebemos que o sujeito pertencente ao circo tem o reconhecimento da imanência recíproca do individual e do coletivo, onde os sujeitos compartilham uma identidade em comum, o ser circense, e se acolhem como família.

### **Sobre obstáculos a serem transpostos**

Os grupos circenses, apesar da sua singularidade, vivem a mesma realidade de pessoas comuns, com problemas e dificuldades de várias ordens. Soares e Lorenzo (2017) deixam claro que os sujeitos circenses, não obstante a vida nômade, de estarem cada semana em uma cidade diferente, vivem dificuldades em relação à garantia do acesso à educação. O circo é um símbolo de itinerância, pois seu *modus operandi* está fortemente baseado no fato de se deslocar com frequência pelo território com vistas a procurar pelo público para seus espetáculos. Essa dimensão de serem nômades reflete diretamente nos modos de vida, inclusive no processo de formação escolar. Jovens e crianças circenses precisam mudar de escola frequentemente durante o ano letivo, passando várias vezes por mais de uma escola durante o ano, de acordo com a necessidade de deslocamento do circo (XAVIER e SANTOS, 2009; SOARES e LORENZO, 2017).

De acordo com a Constituição Federal (1988), todos têm direito ao acesso à escola independente da raça, cor, sexo, idade, sem qualquer tipo de discriminação. A educação é um direito, e é para todos. Sob a égide do documento constitucional há que se garantir o acesso à educação independentemente das singularidades dos sujeitos que a ela tem direito, inclusive, possíveis problemas de permanência,

rotatividade e itinerância, como ocorre com os sujeitos circenses. A lei nº 6.533, de 24 de maio de 1978, no Art. 29, garante vaga em escolas públicas aos filhos de profissionais que exerçam atividades itinerantes, como os artistas circenses, assegurando o direito à educação. Porém, exige a apresentação de certificado da escola de origem. Uma discussão necessária é entendermos que para além das leis está a sua efetivação. O fato de existir uma legislação é uma questão importante para nosso debate, no entanto, um avanço necessário é de nos debruçarmos sobre a realidade social com vistas a perceber se essa lei é cumprida na sua integralidade, garantindo efetivação dos direitos dos envolvidos.

Essa lei, em tese, possibilita que os indivíduos circenses tenham acesso e permanência na escola, desde as séries iniciais do fundamental I até o Ensino Médio. Porém apresenta problemas que a deixam frágil, como por exemplo, a exigência de apresentação de certificado das escolas antecedentes. Em se tratando de sujeitos que passavam em várias escolas durante o ano, essa situação pode ser um dificultador. Além dessa legislação que está direcionada diretamente à educação de crianças e adolescentes itinerantes, sabemos que todos podem e devem exigir o direito ao acesso à educação; assim como pais e/ou responsáveis tem o dever de matricular seus filhos independente da profissão que exerçam. A Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990, do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que zela pelos direitos e deveres da criança e do adolescente no Brasil explicita em seu Art. 54 em seu inciso I e II o dever do Estado de assegurar às crianças e adolescentes o acesso obrigatório e gratuito ao Ensino Fundamental e Médio. Esta mesma lei explicita em seu Art. 55 o dever dos pais e/ou responsáveis de matricular seus filhos independente da profissão que exerçam. Temos ainda a Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, configurada como a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) que traz em seu Art. 2 que a educação é dever da família e do Estado, inspirado nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, almejando a plenitude do desenvolvimento do educando, sua formação, o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

De acordo com a LDB, o ensino deverá ser embasado nos princípios de igualdade de condições para acesso e permanência na escola, liberdade para desenvolver habilidades, pluralismo de ideias, gratuidade, qualidade, diversidade e também com respeito à liberdade e apreço à tolerância. Porém apesar de garantido por lei, artistas circenses ainda se deparam com obstáculos na hora de efetuarem a matrícula, pois muitas instituições negam assistência a esse público.

Então... eu passei muita dificuldade foi com meu filho. Porque assim... aqui em São Paulo tem uma lei que assegura isso. Mas às vezes você chega pra uma pessoa às vezes mal preparada e é preciso ter um pouco mais de jogo de cintura. Então, quando éramos barrados eu procurava mostrar que existe uma lei que assegura isso. (Antônio)

É que a mulher não queria aceitar aluno circense, eu tinha documento, queriam transferir, minha mãe teve que ir no conselho tutelar. Aí inventou que a escola estava lotada. Tinha vaga pra gente, mas eles não queriam aceitar. (Marcela)

Questões como o desconhecimento da lei, o despreparo ou a falta de sensibilidade dos profissionais da escola, bem como a desconfiança e os estereótipos em relação à capacidade dos sujeitos egressos do circo servem de mote para tentar embargar o acesso desses sujeitos à escola, conseqüentemente dificultam o exercício de um direito, bem como o processo de formação desses sujeitos.

### Entre o Circo e a Escola, a Escola e o Circo

Apesar do apreço à educação e da compreensão da necessidade de se frequentar a escola, os educandos circenses dividem a rotina dos estudos com a rotina da vida no circo. Afinal, a escolarização desses educandos ocorre concomitantemente à vida circense. De acordo com os entrevistados, a vida circense, apesar de configurar uma dificuldade em relação ao processo escolar, na maioria das vezes, não tirava o foco dos estudos quando havia a necessidade de dedicação. Esse é um processo que, ao nosso olhar, nos diz de uma valorização escolar que não desconsidera a vida vivida no chão do picadeiro. Não se trata de privilegiar uma única dimensão, seja a escolar ou a circense, os sujeitos se adaptam de acordo com a necessidade, com a demanda de tempo, com as ocupações escolares e do circo. O que nos parece claro é haver uma preocupação no sentido de não prejudicar quaisquer dessas dimensões.

Dependia muito, se não fosse época de prova, se a gente tivesse caminhando junto com a escola da cidade que a gente tava, era tranquilo, a gente focava na vida de circo. Mas os nossos pais, meus pais, os pais das minhas primas sempre deram muito valor a escola, então a gente poderia abrir mão de uma apresentação de qualquer coisa que fosse, pra poder estudar. O estudo lá em casa, sempre esteve em primeiro lugar, então assim, dependia muito, se tivesse tudo tranquilo a gente se dedicava a vida do circo, ia ensaiar os números... senão, a gente ia fazer aula particular, ia pra casa de amiguinhos, pra poder aprender. (Rosa)

Dessa forma, é possível perceber que, independentemente dos obstáculos encontrados, o estudo, na maioria das vezes, era tido como prioridade. Uma questão que emerge de maneira singular envolve o tempo em suas várias nuances, que por vezes misturam o que é escolar com o que é circense, que pende para a escola em determinados momentos, que volta a pender para o circo em outros. Para esses sujeitos circenses a administração e organização dos tempos é uma experiência que acreditamos potencializar uma formação mais autônoma, baseada na sua realidade e nas suas condições existenciais reais. Quando questionados a respeito da maior dificuldade enfrentada para conciliar a vida escolar e a circense, as respostas foram variadas.

O entrevistado Antônio afirma que, quando estudava era como se tivesse o primeiro dia de aula a cada 15 dias. “[...]É o que eu sempre digo: o primeiro dia de aula é traumatizante para qualquer aluno. Agora imagina o primeiro dia de aula a cada 15 dias ou a cada uma semana? Na adolescência é pior ainda. [...]” (Antônio). São novos colegas de classe, novos professores, dentre outros fatores que podem fazer com que a criança se sinta insegura. Essa informação torna-se vital para entendermos a formação e inserção de sujeitos circenses na escola, diante de uma situação potencialmente inibidora, como a chegada a uma nova escola a cada 15 dias, nesse sentido há que se buscar sensibilizar os profissionais da escola para lidar com essa especificidade.

As entrevistas nos apresentam um outro elemento que ganha notoriedade nas falas dos sujeitos, qual seja, a relação com os professores. Estamos falando de relações complexas, diversificadas, que vão variar de acordo com elementos e situações que acabam influenciando esse processo, seja pelo posicionamento mais progressista de um determinado professor, seja pela sua admiração pela arte circense, ou mesmo seja pela desconsideração das singularidades dos respectivos sujeitos. Se a escola tem como objetivo a integração dos indivíduos na sociedade, deve-se procurar fazer com que as crianças sintam-se aptas a captar os ensinamentos. Segundo Mello e Rubio (2013), o professor pode construir uma relação afetiva positiva com o seu aluno e não somente transmitir conhecimentos, facilitando o processo de aprendizagem. Quando questionados sobre a relação do professor com a adaptação escolar, as respostas foram variadas:

Então, eu já peguei ótimos professores, professores excelentes! Professores que às vezes a gente chegava semana de prova e eram super compreensivos, sabe?! Já cheguei na escola na quinta-feira e na sexta tinha prova, a professora olhou meu caderno viu o que eu já tinha estudado e fez uma prova em cima daquilo. Passavam trabalho, davam prazo para você estudar. Como assim eu também já peguei professores “carrascos” que não queria nem saber se a gente tinha visto matéria ou não e passava prova. E às vezes minha mãe ou minha tia tinha que ir na escola e conversar assim: “Olha! Ela estudou isso, dá um prazo! Ela chegou hoje, a prova é amanhã! (Alice)

Eles preocupavam muito, assim eu tenho belas lembranças de professores que chegavam a me levar pra casa deles pra me dar aula particular. Quando acabava a escola falavam: “Vamos lá que eu vou te ensinar, porque vai ter prova semana que vem e você tem que estar junto com os meninos”. E acabou que assim, hoje o circo está numa cidade e eu vou pra visitar minha mãe (ela ainda mora no circo) e eu revejo professores meus que são amigos da minha mãe e sabe, assim é muito bom [...]. (Rosa)

Enquanto alguns docentes se preocupam com a continuidade dos conteúdos e com o aprendizado da criança circense, outros acabam ignorando a realidade do aluno e às vezes, chegavam a manifestar de forma violenta e inconveniente a reprodução de estereótipos e preconceitos. Isso nos diz de uma relação professor/aluno na qual o docente desconsidera a existência e a essência do estudante ao ponto de desumanizá-lo, menosprezá-lo. O que por si só seria inadmissível em qualquer lugar e se agrava ao ocorrer

em uma instituição pública que tem como premissa a formação dos estudantes para a inserção social e para a cidadania.

Então, minha mãe, já teve que ir em muita escola por causa de professor. Já teve uma vez em uma escola que o circo armou do lado da escola, acho que eu estava numa sexta série. Aí a diretora me levou na sala, me apresentou para a professora que estava na sala e para turma, e aí teve a troca de aula. Na hora que o professor chegou, tinha uns meninos fazendo bagunça no fundo, aí a professora foi lá e falou: “Aproveita que o circo está aqui do lado! Lugar de idiota é no circo! Vocês querem fazer mais maluquices? Vocês são palhaços? Vão para o circo!”, naquilo a sala olhou! Sabe aquele trem de menino? A sala toda ficou parada e me olhou assim! Aí eu disse: “A senhora está enganada, lugar de idiota não é no circo, porque eu sou do circo e estou assistindo sua aula! Acho que a senhora como professora tinha que ser exemplo!”. Eu levantei, peguei meu material e fui pra diretoria e comecei a chorar. Ai minha mãe foi na escola. Nossa, deu muita confusão! Depois ela pediu desculpa e tudo mais. Porque assim preconceito é uma coisa que enfrentamos não só na escola, mas qualquer pessoa de circo enfrenta muito na escola [...].”(Alice)

A partir daí, vê-se a importância de se trabalhar a diversidade desde cedo, para que não só professores e alunos, mas a população em geral, saiba tratar uns dos outros com respeito. Não se aprende o respeito sendo desrespeitado, nesse sentido, há que se preocupar em garantir uma educação democrática, que contemple a pluralidade de sujeitos sociais existentes, com vistas a formar pessoas mais humanas, que consigam se colocar no lugar do outro. Segundo Mattos et al. (2013), devido a alguns problemas enfrentados pela escola, muitas vezes o cuidado é deixado de lado, fazendo com que o vínculo entre as crianças e os professores fique enrijecido. Esse distanciamento pode prejudicar inclusive a forma de avaliação do aluno, uma vez que o professor, não inteirado da realidade daquele indivíduo não a considera no momento de avaliar.

Quanto à relação entre os circenses e os colegas de escola, ao que tudo indica, era muito amigável. A criança de circo se tornava atração. Seja pela dimensão exótica, seja pela descontração. Alguns dos entrevistados nos disseram das amizades que ficaram nas cidades e de idas e voltas, encontros e reencontros, dos quais sempre se mostram saudosos.

Com relação à convivência, eu acho assim, que foram os melhores anos da minha vida. Eu sempre gostei muito de fazer amizades, de conversar, de muita gente. Então, assim, a gente meio que era uma atração. Quando a gente chegava na escola o pessoal ficava: “Olha a menina do circo” e tal. Então era uma novidade, quando a gente chegava na escola era uma atração, então vinham as perguntas: “Como vocês dorme? Como faz pra comer? Como vocês tomam banho?”, essas coisas que são normais da curiosidade de uma criança.” (Rosa)

O Francisco teve a oportunidade de ter os amigos de escola assistindo a um espetáculo dele.

Eu trabalhava num circo, isso deve ter sido em sei lá... 1997... 1996 mais ou menos. Eu trabalhava num circo e a escola foi fazer uma excursão. E foi muito legal porque eu participei desse momento como aluno e como artista no picadeiro. Daí então quando eu olhei do picadeiro e vi meus amigos de escola lá me assistindo, né. No dia seguinte quando teve a aula eu era outro cara dentro da escola, entendeu. Toda mulher que me conhecia queria falar comigo, os professores mudaram comigo porque viram que... Eles não levavam a sério, não sei se levavam a sério ou não, mas é que “ah, o cara é de circo, mas é isso”, sabe. Uma coisa é você saber que a pessoa é, outra coisa é você ver a pessoa fazendo. (Francisco)

Vemos nesse depoimento, o quanto é importante para os circenses serem reconhecidos e valorizados. O circo e a escola serviram como mola propulsora de outras relações possíveis, para além da escola, para além do circo, coadunando experiências que consideramos serem ricas para os envolvidos. A escola carrega consigo, para além de uma representação como esperança para o futuro, o simbolismo de um lugar de formação, de aprimoramento, com os sujeitos circenses não seria diferente, apesar de a luta ser grande para que exerçam seus direitos.

### Considerações Finais

Ao findar esse texto, podemos dizer que o trabalho, com todas as limitações que envolvem um uma pesquisa desenvolvida no contexto de uma pandemia mundial de COVID-19, em seu tempo de execução e desenvolvimento, nos trouxe elementos que consideramos singulares para a área da educação e que podem contribuir para que outras pesquisas sejam feitas nessa seara com o intuito de melhor compreender a realidade abordada. Em se tratando do acesso de crianças circenses à escola, inicialmente, há que se reforçar que não se trata de um favor a ser feito a esses sujeitos, mas de garantia de um direito de acesso a uma educação pública, laica, de qualidade e de acesso irrestrito.

O trabalho nos mostrou que mesmo existindo leis para assegurar que as crianças que vivem nos circos frequentem as escolas, é possível perceber que nem sempre a vaga das crianças circenses estará garantida. A realidade nos reforça que nem tudo o que é legalmente instituído é efetivamente garantido como direito na prática cotidiana e funcionamento das instituições educacionais. Os avanços em relação as leis educacionais, unicamente, não são capazes de assegurar o acesso desse público à escola, já que para se ter uma matrícula efetivada é necessário que os responsáveis por esse setor na escola conheçam as leis e principalmente compreendam a necessidade e o direito de quem, mesmo levando uma vida itinerante, tem de ter acesso à educação.

Um outro elemento que merece ser ressaltado é que se faz necessário buscar meios de implantar políticas públicas de formação para que os estereótipos e falta de esclarecimento por parte dos funcionários das escola não sejam um empecilho ao acesso as escola. Uma questão é entendermos que a existência da

lei não é garantia de sua efetivação, por isso a luta dos circenses continua para efetivar o que, em tese, já seria seu direito.

Desenvolver as habilidades que a escola oferece é algo que todos os entrevistados demonstraram grande estima e reconhecem os diversos benefícios que este conteúdo pode agregar na vida de um cidadão, além dos saberes adquiridos nas tendas do circo, por isso enfrentam a diversas dificuldades para terem seu tão sonhado diploma nas mãos.

Ao fim e ao cabo, podemos dizer que entendemos que a educação é um direito e deve ser garantida como algo público, de qualidade, laico e que considere os sujeitos em suas singularidades. As leis devem ser cumpridas efetivamente, o poder público deve repassar todos os recursos necessários para que se possa garantir uma educação de qualidade, bem como a escola precisa entender e respeitar o espaço e as diferenças, sendo empática e participando do desenvolvimento dos alunos, sendo capaz de se conectar ao aluno respeitando seu espaço e suas vivências.

Independente das regiões, identidades e experiências vividas na vida do circo é notável a importância dada ao ensino e à formação do indivíduo. O pertencimento não é uma relação vivida somente ao circo, mas a um pertencer maior, ao fazer parte de uma sociedade e ser visto como cidadão. A escola e os profissionais nela inseridos precisam estar aptos a lidar com cada singularidade de maneira aberta e acolhedora. Com esta pesquisa fica mais evidente a necessidade de termos profissionais que atuem dentro das escolas com sensibilidade e preparo para não somente receber todos os tipos de alunos, mas para também incluí-los de modo que se sintam presentes, valorizados e notados.

## Referências

ALMEIDA, M. S. B. Educação não formal, informal e formal do conhecimento científico nos diferentes espaços de ensino e aprendizagem. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**: Produção Didático Pedagógica, 2014. Curitiba: SEED/PR, 2016.

BHAKTA, Deva. **Brinque e Aprenda com Rosa dos Ventos**. Cartilha Festival 12 Anos, 17f., Junho de 2011.

BRASIL. **Lei 6.533**, de 24 de maio de 1978.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. **Lei nº 8.069**, de 13 de julho de 1990.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases. **Lei nº9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996.

BRUNO, A. Educação formal, não formal e informal: da trilogia aos cruzamentos, dos hibridismos a outros contributos. Mediações, **Revista OnLine da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal**, volume 2, n.2 p. 10- 25. 2014.

CASTRO, Alice Viveiros. **O circo conta sua história**: Museu dos Teatros. Rio de Janeiro: FUNARJ, 1997.

CASTRO, Alice Viveiros de. **O Elogio da Bobagem**. Rio de Janeiro: Editora Família Bastos, 2005.

CATARINO, Giselle F. de C.; QUEIROZ, Glória R. P. C.; LIMA, Maria da Conceição A. B. O formal, o não formal e as outras formas: a aula de física como gênero discursivo. **Revista Brasileira de Educação**. V22. 2017.

COELHO, Marília; MINATEL, Roseane. Circo: a arte do riso e prática da reconstrução social. **Revista Tópos**, v. 5, n. 1, p. 203-230, 2011.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia**. vol. 5. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: ed.34, 1997.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.) **Representações performáticas brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'Água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

GOHN, Maria da Glória, 2006. Educação Não-Formal na pedagogia social. In: **I Congresso Internacional de Pedagogia Social**, 1, 2006. Anais eletrônicos. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

HILLESHEIM, Betina. CRUZ, Lílian Rodrigues. “Não sei estudar parada”: inclusão escolar e nomadismo. **Polis e Psique**. Santa Cruz do sul, v. 1, n. 1, p. 80-90, 2011.

MATTOS, Amana Rocha et al. O cuidado na relação professor-aluno e sua potencialidade política. **Estudos de Psicologia** (Natal), v. 18, n. 2, p. 369-377, 2013.

MELLO, Tágides; RUBIO, J. D. A. S. A importância da afetividade na relação professor/aluno no processo de ensino/aprendizagem na educação infantil. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 4, n. 1, p. 1-11, 2013.

NUNES, Teresa. O que é educação formal, informal e não formal?. **Revista Ponto Didática**, 2019.

OLIVEIRA, Rafael Zacharias et al. Do circo moderno ao novo circo: breves relatos sobre uma história de arte, lazer e entretenimento. 25o. **ENAREL-Encontro Nacional de Recreação e Lazer**, 2013.

SILVA, Erminia; DE ABREU, Luís Alberto. **Respeitável público**: o circo em cena. Funarte, Ministério da Cultura, 2009.

SOARES, Carmem Lúcia. **Imagens da educação no corpo**: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. Campinas: Autores Associados, 1998.

SOARES, Ailmo Xavier; DI LORENZO, Ivanalda Dantas Nóbrega. A escolarização de alunos/as de circo: entre o desejo e a realidade. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, v. 2, n. 2, 2017.

VOGT, Sérgio; LOURENÇO, Mariane Lemos. A identidade social e o processo de identificação. **Anais do EVINCI-UniBrasil**, v. 1, n. 2, p. 33, 2015.

XAVIER, Glauca Do Carmo, SANTOS, Anderson Avelino de Oliveira. Exclusão escolar e a criança de circo. **Reveduc**, 2009.